

Penso, logo não existo

Nosso Eu não passa de uma ilusão criada pela mente, afirmam neurologistas e psicólogos. Os budistas assinam embaixo

PABLO NOGUEIRA
pdiogo@edglobo.com.br

Eu não sou o que penso que sou, caro leitor, e você também não. Loucura? Pois é o que afirmam alguns dos mais talentosos e inquietos cientistas de nossos dias. À medida que mergulham no mistério da consciência humana, pesquisadores das áreas de neurociências, psicologia, filosofia da mente e ciências cognitivas estão criando teorias que desmontam a idéia, levada às últimas consequências pelo cartesianismo, de que existe uma consciência independente, separada do mundo, que está em algum lugar dentro do nosso cérebro e que usa seu livre-arbítrio para fazer escolhas e viver a vida. Pura ilusão, dizem eles.

Na verdade, nossa mente abrigaria uma profusão de diferentes “eus”, que disputam espaço entre si, executam ações especializadas sem que saibamos e, mais impressionante, nos mantêm na ilusão de que somos “apenas um”. Na verdade idéias assim não são novas. Ensinaamentos semelhantes sobre a natureza humana têm sido transmitidos há milhares de anos por diversas tradições do pensamento oriental, especialmente do budismo, que ressalta o abismo entre a realidade e as idéias que temos dela. Quem acha que isso parece coisa de místico, vai se surpreender com a participação nesse debate de pesquisadores reconhecidamente céticos.

Uma sucessão de idéias que discutem e disputam espaço: isso é a consciência

Um dos pesquisadores de ponta na área das neurociências, o indiano V.S. Ramachandran narra em seu livro "Fantasmas no Cérebro" (recentemente lançado no Brasil) alguns dos estranhos casos com que se deparou, e os usa como ponto de partida para tecer teorias. A escocesa Diane Fletcher sofreu uma lesão cerebral que praticamente aniquilou sua percepção visual. Para avaliar a extensão dos danos foi submetida a vários testes. Num deles foi-lhe pedido que colocasse uma carta dentro de uma caixa de correio. Mesmo sem conseguir sequer enxergar o buraco, ela cumpriu a tarefa com precisão. A seguir foram colocados dois objetos à sua frente e ela tinha que identificar o maior, o que ela não

conseguiu. Quando porém recebia a ordem de *tocar* o maior deles, acertava sempre.

Outro paciente, D.B., ficava completamente cego para a metade esquerda do mundo após uma cirurgia. Mas mesmo sem enxergar os objetos colocados à sua esquerda, podia tocá-los com precisão. O mais estranho é que nenhum dos dois tinha a menor idéia de como faziam o que faziam. Se não é o "Eu" que está agindo nesses casos, então quem é? "Eu comparo esses comportamentos automáticos a zumbis. É como se tivéssemos centenas de zumbis dentro de nosso cérebro, que executam coisas sem que nossa consciência saiba. Isso contraria totalmente a idéia tradicional de que há apenas um Eu, uma pessoa em cada cérebro", disse Ramachandran a GALILEU.

Onde moram esses zumbis? Nesse caso, são uma sequência do nosso complexo processamento de ima-

gens, que usa mais de 30 diferentes áreas do cérebro combinadas em sistemas que Ramachandran chama de "vias". A maior parte delas se destina a identificar corretamente um objeto e perceber sua forma, cores, texturas etc. Ramachandran as chama de "via do o quê", porque sua ação combinada nos permite efetivamente identificar as coisas. A "via do como" atribui localização espacial a objetos. Além dessas duas, há também um outro circuito cerebral, chamado de "via antiga" (pois surgiu há mais tempo na evolução humana) que nos permite perceber objetos situados fora de nosso foco visual direto.

Nos dois pacientes a "via antiga" e a "via do como" foram preservadas. E essas vias cerebrais não se enganam. "Bons atiradores dizem que não basta focalizar demais o alvo, você precisa 'se soltar' antes de atirar. De fato, nos esportes, como em muitos as-

A religião do despertar

Considerado por alguns uma religião sem deus e por outros mais uma filosofia do que uma religião, o Budismo surgiu no norte da Índia, no século 4 a.C. De lá se propagou pela Ásia até o Japão, a leste, e a oeste à região do atual Afeganistão. Sua origem remonta à experiência do príncipe hindu Sidharta, que teria alcançado o estágio de "consciência iluminada".

Por isso Sidarta recebeu o título de Buda, que significa "iluminado" ou "aquele que despertou". Na época, seus ensinamentos foram uma reviravolta no pensamento religioso indiano.

Enquanto os textos clássicos afirmavam a existência de uma essência espiritual imortal dentro do homem (que recebia em sânscrito os nomes de *púrusha* ou *athman*), Sidarta pre-

gava a idéia de anathman, o não-eu, a ausência de um eu imortal e transcendente. Com o passar dos séculos foram criadas dezenas de diferentes tradições budistas, que privilegiavam mais ou menos determinados aspectos e textos canônicos da doutrina.

Na China surgiu no século 6 d.C. a escola Tc'han, marcada pelo contato com as tradições taoísta e con-



fil
ch
co
no
mé
de

sai
Yo
hav
ciê
teri

pectos da vida, vale a pena 'liberar seu zumbi' e deixá-lo agir", diz ele. Algo parecido é descrito no livro "A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen", onde o filósofo alemão Eugen Herrigel descreve seu aprendizado na arte zen do arco e flecha. Seu mestre lhe ensinava a não atirar conscientemente. "Algo atira em seu lugar", dizia o mestre ao discípulo.

Falsas imagens

O neurocientista americano Daniel Dennet chegou a conclusões parecidas. Avesso a idéias religiosas — seu livro "A Perigosa Idéia de Darwin" lhe rende até hoje a inimizade dos cientistas de linha criacionista —, ele diz que temos uma falsa imagem pré-concebida da mente como uma espécie de teatro; as imagens e idéias se sucedem em nossa cabeça como num palco e nós as olhamos "a distância", exatamente como faz o espectador na platéia. Como toda

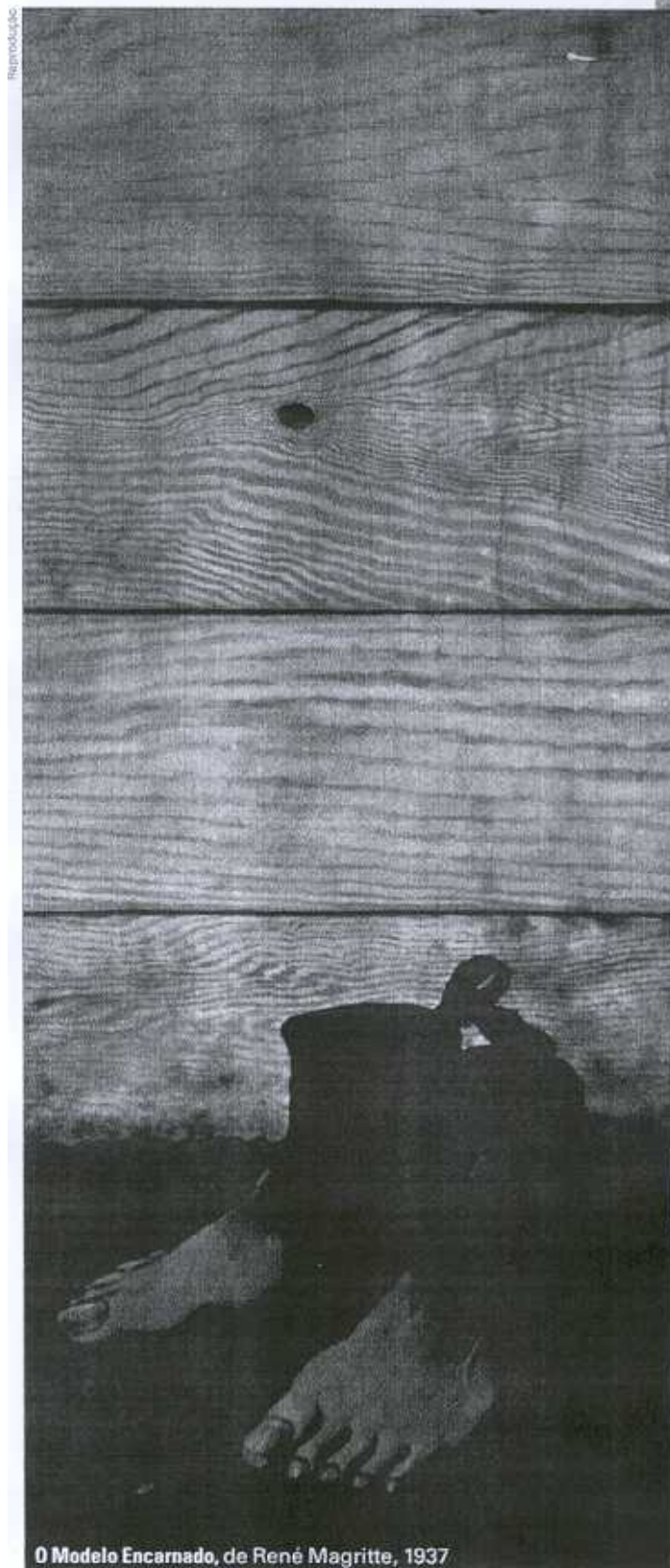
peça, essa seria um desfile organizado de sucessivas situações. Mas quem já prestou atenção ao seu interior sabe que não é assim. Uma constante sucessão de idéias, lembranças, sensações, projetos, sentimentos disputa nossa atenção e passa por nossa consciência de forma não-linear. Fazemos uma coisa pensando em outra; conversamos, ouvimos música e dirigimos, tudo ao mesmo tempo. Uma sucessão de vozes em disputa conversando entre si seria um retrato mais fiel de nossa consciência.

Para Dennet, a forma que encontramos de dar sentido a esse turbilhão é dizer que há um eu que o está experimentando. Mas esse Eu unificado e separado das experiências é um conceito. Pode ser comparado à idéia de centro de gravidade, da física; embora não exista uma "coisa" centro de gravidade, a idéia ajuda a entender a realidade e seu comportamento.

fucionista que já existiam no país, onde surgiu o Zen. No Tibete, onde havia forte influência da tradição indiana chamada Tantra, foram incorporadas práticas e ensinamentos esotéricos, como cerimônias secretas e estátuas de divindades.

No Afeganistão do século 4 d.C. nasceu uma interessante corrente budista, a Yogachara, que afirmava haver sete diferentes consciências no ser humano. Elas teriam origem em algo que,

para alguns pesquisadores, corresponde à nossa idéia de inconsciente. "Embora a descrição da Yogachara seja a mais abrangente, o questionamento da consciência é central em todo o pensamento budista", diz Ricardo Mário Gonçalves, professor de História da USP aposentado e reverendo da tradição Terra Pura. "Na verdade ela é o fator primordial. Por isso, quando ela é pura, o mundo inteiro também torna-se puro", explica.



O Modelo Encarnado, de René Magritte, 1937

Os invasores de mentes

A noção de que as idéias possuem um mecanismo de replicação e de disputa entre si — semelhante ao dos genes — foi lançada pelo biólogo inglês Richard Dawkins

O que são os memes

Os memes são todas as informações e instruções transmitidas pela imitação. A fala das palavras (os pais falam em frente ao bebê e o estimulam a emitir sons parecidos), o aperto de mão, cantar músicas como "Parabéns a Você" são alguns exemplos. Na verdade, isso inclui todas as palavras do nosso vocabulário, as regras que obedecemos, as canções que sabemos, as piadas, as histórias, a moda e os modismos, os hábitos e habilidades que adquirimos pela imitação, as religiões, as idéias científicas e até alguns traços de personalidade. Tudo isso são memes

A guerra entre eles

Assim como os genes, os memes são "entidades autônomas" que lutam entre si para se replicarem. Para terem mais chance de serem transmitidos, um recurso que alguns deles usam é chamar nossa atenção. Não adianta você ter aprendido uma música, uma piada ou um trocadilho e mantê-lo armazenado no fundo do cérebro, sem saber que ele está lá. Sem alcançar a consciência, ele nunca vai se espalhar. Aquelas músicas chatas que grudam na cabeça e que fazem com que as cantemos sem querer são exemplos de memes com alta capacidade de propagação

A mutação

A brincadeira de telefone — em que uma história é contada por uma fila de pessoas e invariavelmente termina bem diferente de como começou — mostra como os memes podem variar no processo de transmissão. Essa variação é equivalente à que acontece nos genes, e é sobre esses memes em perpétua transformação que age a ação seletiva da nossa consciência

Transmissão e domínio

Sempre que copiamos alguém ou permitimos que uma idéia se instale em nossa mente, um meme se transmite. Essa transmissão pode acontecer por várias razões. As idéias científicas ou práticas como a escrita, por exemplo, podem ser transmitidos devido à sua utilidade. Outros memes, como fofocas irresistíveis, notícias bombásticas e informações sobre sexo e violência simplesmente criam na pessoa a urgência de contar o fato a outra



Dennet diz que a idéia de Eu unificado e separado do que acontece na sua mente é um centro de gravidade narrativo, na medida em que serve para dar uma ordem ao fluxo mental. Essa ordem é a narração da nossa história de vida que o tempo todo criamos em nossa cabeça.

Se é apenas um conceito, por que a noção de Eu surgiu? Para o filósofo paulista João de Fernandes Teixeira, que trabalhou com Dennet e hoje é professor da Universidade Federal de São Carlos, isto se deve a vários fatores. Primeiro há o funcionamento do nosso cérebro, que cria a sensação de que há coisas que estão dentro de nós, como os sentimentos e as idéias, e coisas que estão fora, como os objetos físicos. Isso será a base para a sensação de que somos um observador meio “fora” do mundo tangível (embora, na verdade, as imagens desse mundo tangível sejam geradas dentro de nós). Em segundo lugar, somos seres sempre em transformação, que a cada segundo passam por uma série de mudanças químicas, físicas e ambientais. A idéia de um Eu imutável e separado de um ambiente que está sempre se transformando permite pensar que somos sempre os mesmos apesar de todas as transformações. E essa continuidade é fundamental para a vida em comunidade.

“Os homens são animais frágeis. Corremos pouco, nascemos prematuramente, não temos habilidades específicas. Por isso dependemos uns dos outros para sobrevi-

ver. Daí surge a necessidade da cultura, um conjunto de conceitos que organiza os grupos para que possam sobreviver e manter a espécie”, explica João. A existência de um Eu independente e contínuo faz com que as pessoas possam ser responsabilizadas por suas ações quando contrariam as regras do grupo. Isso cria a responsabilidade jurídica e ética perante nossos atos. No conceito de Eu se sustentaria a cultura e a possibilidade de vida em grupo.

Do gene ao Meme

A psicóloga inglesa Susan Blackmore é uma das mais ardorosas defensoras da idéia de que o Eu é uma construção da cultura. Ela é famosa por utilizar em seus trabalhos a polêmica teoria dos memes. A noção de “meme” foi criada pelo biólogo britânico Richard Dawkins e usada pela primeira vez em seu célebre livro “O Gene Egoísta”, de 1976. Nele Dawkins argumenta que o verdadeiro protagonista do processo de seleção natural são os genes, e não os organismos que eles criam. Estes na verdade agem como cápsulas onde os genes se abrigam e que usam para conseguir seu maior intento: serem replicados e permanecer no jogo da vida.

Ao final do livro, Dawkins especulou se o processo cultural do homem não seguiria uma lógica semelhante. Criou então o termo “meme”, semelhante à palavra “gene”, para identificar as idéias e comportamentos humanos que competem entre si para serem replicados. Dentre as seme-

lhanças com os genes, os memes seriam participantes de um processo seletivo que preserva certas variedades e elimina os demais (veja ilustração). Em seu livro “The Meme Machine”, define os memes como “tudo o que pode ser passado de uma pessoa para outra, o que inclui todas as palavras do nosso vocabulário, todas as canções que decoramos e as histórias que aprendemos e todas as habilidades que se adquirem por imitação”. Idéias científicas também são memes, assim como inovações tecnológicas e até religiões. “Se pudermos comparar o cérebro a um computador, os memes seriam o software que ele executa”, explica João Teixeira, que vê a teoria com interesse.

A teoria de que as idéias disputam as mentes surgiu no livro “O Gene Egoísta”

Mas muitos dos memes estão mais próximos dos agressivos vírus de computador do que dos pacíficos editores de texto. Os vírus, vale a pena lembrar, são programas que procuram se espalhar pelo maior número possível de computadores. Já os memes vivem dentro da nossa mente. A disputa, então, é por ocupar o maior número possível de cérebros. Nessa luta eles usam de todo tipo de recurso para manipular o nosso comportamento. Sabe aqueles momentos em que estamos sozinhos, no ônibus ou no carro, e nossa cabeça simplesmente não pára de funcionar?

O cérebro é rápido demais para ser coordenado por uma consciência central

Para navegar

- <http://www.dharmanet.com.br/pesquisa>
- <http://www.susanblackmore.co.uk>

Para ler

- “A Mente Incorporada”, Francisco Cabela. Artmed, 2002
- “Fantasmas no Cérebro”, V.S. Ramachandran. Cia das Letras, 2002
- “Mente, Cérebro e Cognição”, João Teixeira. Vozes, 2000
- “The Meme Machine”, Susan Blackmore. Oxford Press. 1999

“São os memes nos lembrando que estão ali”, diz Blackmore. Se nós os esquecermos, eles não serão transmitidos e morrerão dentro de nós. E aquela música chata que, de tanto grudar na nossa cabeça, parece que nos obriga a cantá-la? Exemplo de meme tentando se propagar. Dessa forma aumentam as chances de outra pessoa ouvir, aprender e passar a cantar também. Na verdade, Blackmore leva a idéia muito mais longe, ao afirmar “o que nos faz diferente dos animais não é a consciência, mas sim a capacidade de imitar o comportamento de outros”, e que os memes podem explicar quase

toda a evolução cultural humana, da linguagem à tecnologia. E qual é o maior dos memes? Exatamente: a idéia de Eu. Sua função seria a de favorecer a transmissão dos outros memes, porque criaria um novo elemento: a crença pessoal. Quando acreditamos realmente numa idéia — como a de que homens e mulheres têm capacidades iguais —, nós nos identificamos com ela e fazemos todo o possível para convencer outras pessoas de que é uma boa idéia e, assim, passá-la adiante. E só.

Não há ninguém?

“Achar que há um Eu dentro de nós controlando nossas atividades é uma simplificação grosseira”, disse Blackmore a GALILEU. “O cérebro e o corpo são compostos de subsistemas que desempenham as tarefas de

maneira relativamente independente. Nossa visão, nossos reflexos, funcionam de maneira muito rápida para estarem submetidos a um suposto controle consciente. Nossos atos acontecem por si mesmos e depois ‘eu’ penso que ‘eu’ fiz isso.”

Idéias semelhantes são defendidas há milhares de anos por diversas correntes do pensamento oriental, especialmente do budismo. A similitude chama a atenção dos próprios cientistas. No seu livro “A Mente Corporificada”, que está saindo agora no Brasil, o biólogo chileno Francisco Varela, um dos mais respeitados estudiosos das ciências cognitivas, identifica as similaridades. “Todas as tradições reflexivas da história da humanidade — filosofia, religião, ciência, psicanálise, meditação — desafiaram o sentido ingênuo de *self* (termo que significa senso de identidade). Nenhuma afirmou ter descoberto um *self* independente, fixo ou unitário. Acreditamos que as doutrinas budistas da ausência de *self* e do não-dualismo podem dialogar com as ciências cognitivas, pois a doutrina da ausência do *self* contribui para a compreensão da fragmentação do *self* retratado no cognitivismo”.

A similaridade das idéias é espantosa. “A postura básica do budismo em relação ao Eu é que se trata de uma ilusão resultante da associação de vários fatores agregados e está em contínua transformação”, diz o reverendo Ricardo Mário Gonsalves, da tradição Terra Pura. A monja



A Invenção da vida René Magritte, 1927

Entrevista

O Eu dominado por zumbis

Coen, que dirige um espaço zen-budista em São Paulo, dá até exemplos de como o falso Eu surge: “uma amiga minha submeteu-se a uma terapia japonesa chamada Morita, onde se passa uma semana isolado num quarto. Ela começou a perceber como seu pensamento era feito de palavras e conceitos vindos de outras pessoas. Ela dizia ‘esta forma de pensar é do meu pai, esta expressão é da minha mãe, aquela idéia é da professora de quem eu gostava’. Aquilo que chamamos Eu é como uma colcha de retalhos feita de coisas que fomos pegando e criando o que depois taxamos de nossa personalidade, nossa identidade”.

Nessas tradições religiosas o trabalho espiritual consiste em criar, aqui e agora, uma percepção do mundo menos centrada nas necessidades do “falso” Eu, em vez de se preparar para outra vida. Feliz ou infelizmente, a ciência não oferece consolo aos que se entristecem com suas novas descobertas. Mas até os cientistas são afetados por elas. “Reconhecer que o Eu é uma ilusão faz você ficar menos egoísta”, diz Ramachandran. “Quando tento me desligar do ‘Eu’ e não me forço a tomar decisões conscientemente, as coisas simplesmente acontecem. Não é preciso que eu ou alguém esteja lá para fazer ou decidir”, diz Blackmore. Talvez a melhor tradução desse modo de ver a vida possa ser encontrada na prosa poética de Clarice Lispector: “um mundo fantástico me rodeia e me é”. ☐

Chamado por Oliver Sacks de “um dos mais interessantes neurocientistas do nosso tempo”, o indiano Vilayanur Ramachandran dirige o Centro de Estudos do Cérebro e Cognição da Universidade da Califórnia em San Diego, nos Estados Unidos. O próprio pesquisador reconhece que algumas das idéias que propõe em seu livro lembram diretamente as doutrinas de certas religiões orientais. “O problema é que quando eu falo assim pode parecer que sou um guru New Age. Mas como cientista estou dizendo que é possível”, afirma.

GALILEU: *Se o Eu tradicional é uma ilusão, é uma ilusão perfeita. Como podemos não perceber que é tudo uma construção?*

Ramachandran: Sim, é perfeita. Isso parece contra-intuitivo mas muitas coisas na ciência são. Se você diz a alguém que não se pode ir mais rápido do que luz a tendência é perguntar “por que não”? Mas é fisicamente impossível. Então porque algo é contra-intuitivo não quer dizer que não seja verdadeiro. Devido ao grau de convencimento que essa ilusão tem, talvez a intuição esteja certa. Talvez haja algo no cérebro que gera o senso de “Eu”. Ele é útil para a evolução em termos de criar um princípio organizador das ações. Mas há várias coisas que estão ligadas à criação dessa ilusão.

GALILEU: *Uma delas é o que você chama de zumbis...*

Ramachandran: Se você olhar as evidências da neurologia e das neurociências, o que elas sugerem é que há muitos mecanismos paralelos independentes que são especializados e fazem coisas diferentes no cérebro. Esses mecanismos são responsáveis por comportamentos que não envolvem escolhas. É o que chamo de zumbis. Não há um ou dois zumbis no cérebro, mas dúzias. O comportamento dos zumbis não é consciente no sentido em que eu e você somos conscientes. Para isso é interessante



Ramachandran: “Semelhança com religiões surpreende, mas minhas idéias são científicas”

fazer a diferença entre conhecimento implícito e explícito. Uma aranha sabe fazer uma teia, mas não sabe usar este conhecimento para nada mais. Ela não está consciente desse conhecimento. É um conhecimento implícito. O senso de “Eu” é o que detém conhecimento explícito, estamos conscientes do que conhecemos. Já os zumbis não consideram as implicações de seus atos.

GALILEU: *Como você acha que os budistas e hindus criaram suas teorias?*

Ramachandran: Partindo da intuição. As pessoas não conheciam a idéia de átomo desde a Antiguidade, mesmo sem evidência direta? Esses monges usavam a introspecção para perguntar “o que é o Eu? Existe mesmo algo assim?” e perceberam que quanto mais tentavam atingi-lo, mais escorregadio se tornava. Porém falavam de uma maneira abstrata e metafísica. Por isso acho muito, muito surpreendente que o que estamos aprendendo da ciência convirja com esses *insights* do pensamento oriental. É algo muito interessante.